



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Perspectivas sobre as funções dos jornalistas na era pós-industrial¹

Perspectives about journalists' functions in the post-industrial era

Lívia Guilhermano

Palavras-chave: jornalista; função social; jornalismo pós-industrial;

Introdução

Há mais de duas décadas estamos testemunhando a difusão da internet nos diferentes espaços sociais e a descoberta de novas ferramentas que fazem parte dos diversos âmbitos da nossa vida. Ainda que não sejam mudanças abruptas, a sensação é de que vivemos novos tempos e que precisamos nos adaptar. Essa premissa é especialmente verdadeira para quem trabalha com o jornalismo e precisa encontrar sentido na sua atividade diante de tantas transformações.

“Adaptação aos novos tempos” é justamente o subtítulo do relatório “Jornalismo pós-industrial” produzido no *Tow Center for Digital Journalism*, da *Columbia Journalism School*, por Anderson, Shiky e Bell (2013), que analisa o jornalismo no contexto norte-americano. Para os autores, observamos uma explosão de novas técnicas e ferramentas nos últimos anos, a partir de uma maior distribuição da internet, que tem transformado os métodos de apuração e divulgação de notícias. Essas mudanças provocaram uma revolução em todo o ecossistema jornalístico, com a inclusão de novos agentes – amadores, multidões, máquinas –, obrigando o jornalista a repensar o seu papel e o seu modo de agir.

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Considerando o ecossistema jornalístico descrito por Anderson et al. (2013), o presente artigo propõe levantar a discussão sobre as funções do jornalista hoje, diante das transformações trazidas pela difusão da internet e das redes sociais digitais. Para isso, pretendemos fazer uma revisão bibliográfica, a partir de pesquisadores norte-americanos que estudam as mudanças no jornalismo contemporâneo. Nosso objetivo é levantar diferentes pontos de vista sobre o assunto, a fim de subsidiar estudos na área, sem a pretensão de esgotar o debate.

O jornalista profissional não é mais o primeiro a informar sobre um acontecimento? Em tempos de superabundância de informações, ele perdeu a função de selecionar o que o público deve saber? São questões que pretendemos debater no presente trabalho, considerando a complexidade de se compreender um momento enquanto ele é vivido (CHARRON; DE BONVILLE, 2016).

Neste artigo, dividiremos a discussão em duas partes. A primeira tem como objetivo traçar um panorama das características do ecossistema do jornalismo contemporâneo: o que mudou com a introdução da internet e das mídias sociais digitais em termos de audiência e também para as empresas do setor. Na segunda parte, traremos a discussão das consequências dessas mudanças para o jornalista profissional: o que muda, de acordo com diferentes autores, na sua função social e no seu *modus operandi*.

Jornalismo pós-industrial

O jornalismo do século 20 era caracterizado por um número restrito de empresas que produziam em escala industrial. Nesse contexto, era bastante improvável que qualquer iniciativa independente que quisesse entrar nesse cenário ou criar algum produto competitivo seria bem-sucedida. Não havia como fazer parte desse círculo, sem haver uma grande estrutura para isso (Anderson et al., 2013).

O que testemunhamos na transição para o século 21, porém, foi o surgimento de



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

inovações que se traduziram em transformações sociais e culturais e que vão muito além de um processo tecnológico. Uma cultura da convergência está se consolidando, à medida que o conteúdo passa a fluir por múltiplas plataformas de mídia, a relação entre produtores e consumidores se modifica e o público reconhece o potencial inclusivo das mídias sociais digitais no processo comunicacional (JENKINS, 2009). Assim, o que se observa, segundo Anderson et al. (2013), não é a entrada de um novo ator em cena – a internet –, mas a transformação de todo ecossistema jornalístico.

De acordo com Anderson et al., nas últimas décadas,

todo mundo passou a ter muito mais liberdade. Produtores de notícias, anunciantes, novos atores e, sobretudo, a turma anteriormente conhecida como audiência gozam hoje de liberdade inédita para de comunicar, [...] sem as velhas limitações de modelos de radiodifusão e da imprensa escrita (2013, p.32).

O termo “audiência”, ainda que utilizado pelos autores, deixou de ser adequado, por designar pessoas que recebem conteúdo produzido pela mídia. Hoje, todo mundo pode fazer muito mais. Segundo Shirky (2011, p.25), que percebe uma emergente “cultura da participação”, “as pessoas gostam de consumir, mas também gostam de produzir e de compartilhar. Nós sempre gostamos dessas três atividades, mas a mídia tradicional premiava apenas uma delas”. Isso não significa, segundo o autor, que as pessoas vão deixar de assistir à televisão negligentemente. Em determinados momentos elas serão apenas consumidoras, mas, em outros, agirão como produtoras, editoras e distribuidoras de conteúdo.

O fato é que o jornalista não detém o monopólio da produção de notícias. Com isso, é possível que questione qual, afinal, é a sua função. O que faz com que ele seja essencial? Além disso, para aumentar a sensação de instabilidade, o formato de produção de conteúdo jornalístico baseado no subsídio da publicidade está em declínio (ANDERSON et al., 2013; KOVACH; ROSENSTIEL, 2014; BELL; OWEN, 2017). Muitos anunciantes decidiram investir na publicidade pela internet e mídias sociais



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

digitais, uma vez que elas permitem conhecer melhor os hábitos de consumo dos usuários e escolher a parcela do público que se quer atingir. Essa receita, no entanto, não subsidia necessariamente a produção de conteúdo jornalístico. A consequência disso é o enxugamento das redações, redução de páginas e cadernos – no caso de jornais e revistas – e até mesmo fechamento de publicações. O jornalismo busca formas de sobreviver diante dessa crise.

De acordo com Kovach e Rosenstiel (2014, p. 10), “a crise que o jornalismo organizado enfrenta é mais fundamentalmente um problema de receita. Apesar de a audiência ter migrado para veículos de notícias online, a receita não migrou”. No entanto, para os autores, não há crise de audiência. As pessoas ainda buscam informação de veículos que consideram confiáveis, seja pelos meios tradicionais ou pela internet. Enquanto as empresas buscam soluções para a queda de receita publicitária, os jornalistas profissionais precisam entender seu espaço nesse novo ecossistema.

O espaço do jornalista profissional

Para Anderson et al. (2013), no contexto do jornalismo pós-industrial, determinadas atividades não precisam mais ser realizadas exclusivamente por jornalistas. Dificilmente, o profissional será o primeiro a chegar no local de algum acontecimento e registrá-lo, por exemplo. Com *smartphones* na mão, qualquer indivíduo pode anunciar ao mundo, através das redes sociais digitais, que algum fato importante acaba de ocorrer. Outro exemplo é a mobilização de pessoas unidas em rede (CASTELLS, 2013). É possível estar em contato com pessoas de diferentes partes do mundo e produzir conteúdo de forma colaborativa. As multidões podem contribuir para levantar dados e perspectivas sobre a realidade social em grande escala, o que para um jornalista sozinho se tornaria muito difícil (ANDERSON et al., 2013).

Dessa forma, os autores norte-americanos defendem que o jornalista foi deslocado para um ponto mais alto da cadeia editorial, deixando de fazer as observações



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

iniciais sobre um acontecimento para fazer a verificação e interpretação. Ele seria responsável por dar sentido à enxurrada de informações que as pessoas recebem todos os dias.

Kovach e Rosenstiel (2014), no entanto, discorda dessa afirmação. Eles argumentam que os jornalistas fazem mais do que simplesmente “dar sentido ao fluxo produzido pelo público” e que “a noção de que jornalistas como descobridores de fatos têm sido deslocados é muito teórica e até perigosa. Deixa muito poder para o governo, corporações e outras instituições controlarem os fatos públicos”² (KOVACH, ROSENSTIEL, 2014, p.40, *tradução nossa*). Segundo os autores, muitas das decisões que importam para a sociedade são tomadas longe da vista do público. Em muitos casos, saber a verdade sobre algum acontecimento só é possível através de um processo – questionar, reagir, observar, fazer novas perguntas – que envolve esforço.

Eles concordam, no entanto, uma das suas funções mais tradicionais do jornalista está enfraquecida: a de *gatekeeper* – que decide qual a informação o público deve receber. Em tempos de internet, se um jornalista deixar de dar alguma informação, outra pessoa, veículo ou canal vai dar. Em vez de selecionar o que deve ser tornado público, o jornalista ganha uma série de outros papéis. Os autores (2010, 2014) citam oito: 1) autenticador – afirmar qual informação é verdadeira e confiável; 2) produtor de sentidos – colocar informações em um contexto e buscar conexões; 3) investigador – manter a função de investigador público ou de cão de guarda, expondo o que tem se mantido em segredo; 4) testemunha – simplesmente estar presente para observar e monitorar acontecimentos; 5) empoderador – dar ferramentas aos cidadãos para produzir e receber informações confiáveis; 6) agregador inteligente – agir como curador das informações, selecionando o que é mais relevante; 7) organizador de fórum – ajudar

²No original: “The notion that journalists as fact finders have been displaced is too theoretical, even dangerous. It leaves far too much power to the government, corporations to control the supply of public facts.”



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

a criar discussões para os cidadãos participarem ativamente; 8) ser um modelo – servir de exemplo para cidadãos que querem agir como jornalistas cidadãos.

Além disso, para Anderson et al. (2013), a fim de manter a relevância do seu trabalho, os jornalistas devem especializar-se em algum tema, uma vez em que hoje pessoas esperam receber informação de forma já contextualizada. Saber compor narrativas a partir de dados e estatísticas também é uma habilidade que se espera do jornalista. É importante que o jornalista saiba, ainda, trabalhar em conjunto com os outros atores do ecossistema – amadores, multidões e máquinas – a fim de unir forças para produzir conteúdo completo e contextualizado. Segundo Kovach e Rosenstiel (2014, p. 36, *tradução nossa*), essa é uma oportunidade de elevar a qualidade do jornalismo, mas para que isso aconteça “aqueles que produzem jornalismo precisam adquirir um melhor entendimento do que os cidadãos precisam das notícias, o que os cidadãos e as máquinas da rede digital podem contribuir para isso”³, além de um entendimento das tarefas necessárias para jornalistas organizarem, verificarem e somarem a essas contribuições.

Considerações finais

O jornalismo pós-industrial caracteriza-se pelo surgimento de um ecossistema em que novos atores passam a fazer parte da produção de notícias. Juntamente a isso, observa-se o declínio de verbas publicitárias como subsídio do conteúdo jornalístico, levando as empresas a reduzirem custos. Esses fatores favorecem a sensação de instabilidade: o jornalista passa a questionar o seu papel nesse novo cenário.

Ainda que o jornalista tenha visto ser reduzido o seu papel de selecionar qual informação deve chegar até o público, ele ainda o cumpre em determinados momentos – como quando trabalha em veículos tradicionais. Além disso, descobrir informações que

³No original: “Those who produce journalism must acquire a better understanding of what citizens need from their news, what citizens and the machinery of the digital network can contribute to that”.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

o poder público não divulga por conta própria continua sendo um papel relevante. Já entre as novas funções, destacamos a importância de saber trabalhar junto a pessoas comuns, além de contribuir para que compreendam os princípios do jornalismo. É assim que se caminha para a produção de conteúdo jornalístico correto e contextualizado, que cumpre o seu papel social.

Referências bibliográficas

ANDERSON, C.W; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, n. 5, ano 2, Abr./Mai./Jun. 2013, p. 30-89.

BELL, Emily; OWEN, Taylor. **The platform press**: how Silicon Valley reengineered journalism. Tow Center For Digital Journalism. Nova York: Columbia Journalism School, 2017. Disponível em: <<https://academiccommons.columbia.edu/catalog/ac:15dv41ns27>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Blur**: what to know what is true in the age of information overload. New York; Berlin; London: Bloomsbury, 2010. (e-book)

_____. **The elements of journalism**: what newspeople should know and the public should expect. 3. ed. rev. e ampl. New York: Three Rivers Press, 2014. (e-book)

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.